

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS



# CONIMBRIGA



VOLUME XXXVII – 1998

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

nas províncias romanas, os problemas e os modos de agir das periferias, a história de Aníbal, a investigação no Egeu e nas regiões *do limes* danubiano, a “ciência dos bens culturais”, para usarmos palavras suas inseridas no começo do volume -, para além de tudo isso, que é do foro científico propriamente dito (ao todo, 943 títulos, desde 1950 a 30 de Junho de 1997), foram também arroladas, numa segunda secção, igualmente ano a ano, embora sem numeração, o que poderíamos designar de “vária”: “textos de informação alargada (imprensa quotidiana; rádio e televisão; notas sobre temática diversa) e escritos noticiosos” (Daniela Rigato).

Um relance ao acaso, pela p. 85 (por exemplo) relativa a 1988, oferece-nos títulos como “Fome de pedras”, “Os Fenícios na Universidade”, “O Danúbio sepultado”, “*Homo manager* por Augusto” (sobre o bímilenário de Agripa), “E no vale emergirá um museu”... que nos mostram não só a variedade temática abordada como o contorno poético (ou simplesmente literário, se se preferir) que Giancarlo Susini sabe emprestar aos seus escritos. Veja-se, no que respeita a Portugal, o que escreveu, em Fevereiro de 1994, a propósito de Lisboa, Capital da Cultura, texto que tive o prazer de traduzir para *Tempo Livre* (nº 45, Novº 1994, 88-89).

É, em suma, o epigrafista, o historiador da Antiguidade Clássica que sabe quanto se toma necessário sermos actuais, intervenientes, para melhor podermos compreender e investigar sobre os fenómenos dessa mesma Antiguidade - que não estarão, afinal, tão distantes assim do nosso movimentado dia-a-dia.

Congratulamo-nos, pois, vivamente com a iniciativa e formulamos votos para que o Mestre continue a brindar-nos, ainda por muitos anos, com a sua sabedoria.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Antonio RODRÍGUEZ COLMENERO (coordenador), *Lucus Augusti - I. El Amanecer de una Ciudad*, Fundación Pedro Barrié de la Maza, A Coruña, 1996. 487 pág. ISBN: 84-897748-05-5.

Integrado na *Catálogo Arqueológica e Artística da Galiza*, que a citada Fundação mecenaticamente está levando a cabo, o volume, redigido em língua castelhana, inicia uma série que prevê a publicação continuada, pormenorizada e sistemática, de estudos - dez, ao todo - sobre “os achados feitos durante os últimos dez anos de intensas escavações arqueológicas levadas a cabo no centro histórico lucense” por iniciativa do Grupo Arqueológico Larouco e que a Fundação Pedro Barrié de la Maza tem patrocinado, como salienta, na nota introdutória, a Condessa de Fenosa, presidente da referida Fundação.

*Conimbriga*, 37 (1998) 267-310

Como o próprio título sugere, trata-se aqui do “amanhecer de uma cidade”, o gizar das suas origens a partir da investigação já efectuada, sendo cada tema abordado por um especialista na matéria, o que particularmente se saúda como sendo do maior interesse histórico e científico.

Assim, o primeiro capítulo - “Ambiência geográfica e cenário” - é constituído por ensaios sobre: “O clima e os solos da Galícia na época romana”, assinado por Francisco Díaz-Fieros Viqueira; “A vegetação galega durante a época da ocupação romana através do estudo do pólen fóssil” (María Jesús Aira Rodríguez); “Análise polínica e interpretação de carvões em necrópoles galegas de época romana” (María Jesús Aira Rodríguez e R Uzquiano); “Estudo arqueológico dos restos ósseos achados nas escavações romanas de Lugo (Jesús Altuna e Koro Mariezkurrena ); “Do mar ao caminho, do caminho à mesa: a fauna marinha das escavações arqueológicas de 1986, 1990 e 1991 em Lugo (J. M. Vázquez Varela).

Detém o 2º capítulo um âmbito geográfico mais alargado - todo o *conventus Lucensus*: Tito A. Varela estuda as “características biológicas da população galega” na Antiguidade, concluindo que eram muito semelhantes às actuais; e o coordenador do volume, Antonio Rodríguez estende-se por mais de cem páginas (129-242) na miúda especificação do que foi, em seu entender, a organização sociopolítica e a distribuição territorial dos povos pré-romanos do Noroeste.

As fontes epigráficas são, neste domínio, fonte primordial e Rodríguez Colmenero demora-se na polémica surgida em tomo de interpretações sempre problemáticas, designadamente as que se prendem com o significado a atribuir ao C invertido que amiúde surge nas epígrafes daquela zona. Questão difícil de solucionar, bem o sabemos, porquanto esse tipo de textos foram pensados não para o exterior (digamos assim) mas para um público que sabia exactamente o que se pretendia dizer, porque dispunha dos códigos. “Castellum” ou “centuria”, aliás, talvez possa ser opção de somenos, sendo primordial focar que essa menção pormenorizada do ‘grupo’ a que cada um pertence significa, antes de mais e acima de tudo, um espírito de corpo, um apego às “raízes” (como hoje se diz), que caracteriza, de facto, a população pré-romana do Noroeste. Doutro modo, tentando - aqui - esmiuçar argumentos, aduzindo inclusive exemplos doutras áreas peninsulares, ainda que próximas, dificulta a leitura dum texto que se pretenderia de síntese e, assim, entrou por domínios excessivamente técnicos, eruditos.

Fica-nos a impressão de que se carece, para a região, dum novo *corpus* epigráfico, em que, num sempre saudável retomo à pedra, a análise paleográfica assumo o principal papel. Recordaria, a talhe de foice, o controverso texto da igreja paroquial de Asadur, de que se apresenta foto na p. 136, sem que seja discutida a sua autenticidade, posta com razão em causa, por exemplo, por Alain Tranoy (*La Galice Romaine*, 1981, 70), que a considera datável do século XVIII, e reabilitada depois por Patrick Le Roux (AE 1989 435) que, apesar de lhe atribuir um “style contourné”, a data dos primórdios do século

III e de novo a invoca para mostrar “a eficácia duma linguagem rodada, ano após ano, por uma administração preocupada com a sua imagem e os seus interesses” (*Romains d'Espagne*, Paris, 1995, p. 118). Mas há outros textos cuja interpretação poderá ser diversa da que Rodríguez Colmenero aduz: eu retomaria a primeira versão do nome dos dedicantes da ara de Fiães, os *Vicani Vagomicenses*, de acordo com a fotografia da p. 151 ; leria SEVERI, sem mais delongas, no cilindro da p. 163...

Todo o capítulo III, intitulado “Nos inícios duma caminhada histórica”, é da autoria de Rodríguez Colmenero, dado que aí se abordam temas da época romana: as fases da conquista do território pelos Romanos (p. 245-263) e a integração administrativa do Noroeste nas estruturas romanas (p. 265-299); em apêndice, a discussão sobre a autenticidade, que defende (inclusive mediante análise metalográfica), da segunda *Tabula Lougeiorum*, datada do ano 1 da nossa era (p. 301-315).

Dá ideia que, numa primeira versão, o livro terminaria aqui, pois é na p. 316 que se indicam as “siglas e abreviaturas mais correntes” e a “bibliografia consultada” ocupa as p. 317-326 - a não ser que se trate apenas da bibliografia da parte respeitante à contribuição de A. Rodríguez Colmenero. Na verdade, há ainda um 4º capítulo, “Vantagens e desvantagens de uma implantação urbana” em que se abordam temas como:

- o substrato populacional pré-romano dos arredores de *Lucus Augusti*, da autoria de Enrique González Fernández e Santiago Ferrer Sierra, que dão conta dos castros identificados apresentando a sua bibliografia específica;

- Rodríguez Colmenero interroga-se se *Lucus Augusti* terá sido uma “cidade sem ambiente” (p. 419-423), pergunta que é, de certo modo, a deixa para que Santiago Ferrer Sierra proponha, a partir do estudo das moedas com representação de *caetra*, que esta cidade romana haja nascido de um acampamento romano (p. 425-446);

- para determinarem a procedência dos materiais usados na cidade, A. Casas Ponsati, R. Vázquez Navarro e Marius Vendrell apresentam os resultados do estudo preliminar feito sobre amostras petrológicas e mosaicos (p. 447-467), capítulo ilustrado com sugestivas ‘fotomicrografias’ a cores;

- finalmente, o académico Adolfo de Abel Vilela deduz, com base em notícias documentais recentes, quais as matérias-primas utilizadas na construção de *Lucus Augusti* (p. 469-477), partindo do princípio que não se terão registado grandes alterações.

“Em jeito de síntese” (p. 479-481), de Rodríguez Colmenero, é isso mesmo: uma brevíssima síntese do conteúdo do volume.

Com uma apresentação gráfica magnífica, ilustrações a cores, capa de pano preto e dizeres rasgados a ouro, *El Amanecer de una Ciudad* é, à primeira vista, o livro de prestígio que veicula uma síntese para o leitor médio acerca das origens da Lugo moderna. Pela análise que acabamos de fazer se verifica que, mais do que uma síntese acabada, estamos perante a apresentação cuidada dos dados susceptíveis de, um dia, virem a facultar essa monografia.

Não é, pois, obra para o leitor médio, mas sim muito útil instrumento de trabalho para arqueólogos e historiadores. Nesse aspecto, talvez não tivesse sido despendida a hipótese de dispormos de índices temáticos que viessem facilitar a sua consulta.

Conhecem os autores a bibliografia portuguesa; continua-se, porém, a não a saber citar: os portugueses devem ser referidos pelo último nome, sem ter em conta quaisquer preposições (Vasconcelos, José Leite de; Encarnação, José d'; Curado, F. Patrício; Bento, Mário Pires). Veja-se, como exemplo que pode trazer dificuldades, o caso de Armando Coelho Ferreira da Silva que, na p. 318, se refere em COELHO e, na p. 415, em SILVA. Curiosamente, até o próprio coordenador do volume vem mal colocado: não em RODRÍGUEZ COLMENERO, como é de norma em língua castelhana, mas em COLMENERO (p. 324), embora na ordem alfabética do ... Rodríguez!

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

Carmen CASTILLO, *Vestigia Antiquitatis*, Ediciones Universidad de Navarra, Pamplona, 1997. 608 p. ISBN: 84-313-1552-0.

Inicia o volume uma nova série da colecção “Mundo Antigo” e a sua publicação teve como pretexto os 25 anos de cátedra universitária da sua autora e, como objectivo, “tomar mais acessível aos estudiosos um importante grupo de escritos da Prof Castillo”, como afirma Concepción Alonso del Real, na Introdução. Uma selecção difícil - são-no sempre - mas a selecção possível e manejável por “epigrafistas, prosopografistas e classicistas em geral”.

Teve a autora papel importante na selecção, conforme eia própria confessa no prefácio, e decidiu estruturar em três partes temáticas o conteúdo do volume: Epigrafia, Prosopografia e Literatura.

Inicia-se a colectânea com a reprodução das crónicas regularmente apresentadas nos congressos quinquenais de Epigrafia, desde 1972 a 1992, uma apresentação exaustiva das novidades epigráficas peninsulares a que já nos habituáramos e cuja falta sentimos no último congresso (Roma, 1997). Publicadas habitualmente na *Emerita*, sob o título genérico, “El progreso de la Epigrafia romana de Hispania”, constituíam, a par do que os investigadores do (então) Centre Pierre Paris (Université de Bordeaux III) periodicamente editavam na *Revue des Etudes Anciennes*, elemento de consulta imprescindível. O facto de aqui as termos reunidas é, pois, do maior alcance.

Seguem-se dez artigos: quatro são ainda, de certo modo, panorâmicas epigráficas; os demais abordam, em geral, casos particulares de inscrições interessantes, sendo os dois últimos dedicados a Navarra: as fontes epigráficas como fonte para o estudo da Navarra romana, a onomástica.